

AS RELIGIOSIDADES DE MATRIZ AFRICANAS NOS ESPAÇOS ESCOLARES: UMA PROPOSTA DE AÇÃO

Jessica Regina Soares
Acadêmica de História, UEG/GO
regina.jessica12@gmail.com

Mauro Moreira Mota Junior
Acadêmica de História, UEG/GO
maurojr.celta@gmail.com

Euzebio Fernandes de Carvalho
Docente de História, UEG/GO
euzebiocarvalho@gmail.com

RESUMO: Para que se garanta o respeito à diversidade religiosa de matriz afro-brasileira no interior do espaço escolar é preciso garantir, no processo formativo institucional da escola e da academia, o (re)conhecimento e respeito à herança cultural africana para a formação do povo brasileiro. Para combater os preconceitos que, ao longo do nosso processo histórico, foram arraigado-se entre nós é necessário entender os sentidos e resistências culturais do Brasil Africano. Para abordar esses assuntos no interior da escola, precisamos enfrentar uma série de questões: como transformar essas problemáticas em conteúdos curriculares? Quais momentos do currículo instituído favorecem esse diálogo? Quais metodologias podem nos auxiliar nesse trabalho? Quais documentos legitimam esse trabalho? Quais fontes podem ser material didático para essas ações? Inicialmente, é preciso observar o processo da diversidade do continente africano e das sociedades diaspóricas, suas organizações e mitos (SCARAMAL, 2012); destacar a pluralidade cultural africana e afro-brasileira para a construção de uma identidade afro-centrada (OLIVA; FILICE, 2012); entender como deve ser abordado o preconceito e a intolerância em relação à cultura afro-brasileira (SANZ, 2012). Para investigar a consciência histórica dos estudantes relativamente à diversidade religiosa de matriz afro-brasileira, lançamos mão dos exercícios de verificação do pensamento histórico, empregados pela Educação Histórica (BARCA; SCHIMIDT, 2009). Os quadros teóricos da Didática da História, na meta-reflexão alemã, apontam-nos para as funções da História (RÜSEN, 2006). Vários textos legais e normativos referendam esse trabalho: lei 10.639 (BRASIL, 2003); Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (Parecer CNE/PC nº 3; Resolução nº 1, BRASIL, 2004), lei 11.645 (BRASIL, 2008), o Estatuto da Igualdade Racial (Lei 12.288/2010) etc. No presente trabalho, apresentamos uma proposta de trabalho com o documentário Atlântico Negro (1997), a partir dos procedimentos metodológicos para o trabalho com a linguagem audiovisual (NÓVOA, 1995).

PALAVRAS-CHAVE: Religiosidades Afro-brasileiras. Educação. Atlântico Negro.

AGÊNCIA DE FOMENTO: CAPES/PIBID

*Tu te lembrás da partida / Acenaste um pano branco
Mãos ao ar, fala contida / Choro preso em acalanto*

*Deste as costas pra areia / Não voltaste nunca mais
E hoje eu rezo pra Sereia / Devolver a minha paz*

Acalanto (2004) - Teresa Cristina e Grupo Semente.

INTRODUÇÃO: A DIVERSIDADE RELIGIOSA AFRO-BRASILEIRA NO ESPAÇO ESCOLAR

Objetivamos, nesse trabalho, estimular o respeito à diversidade religiosa de matriz afro-brasileira no interior do espaço escolar. Partimos do pressuposto que tal objetivo pode ser alcançado por meio da inserção de conteúdos relacionados à história do Brasil e de África, trabalhando a religião a partir de um método informativo, orientado pelos valores acadêmicos e científicos. Ao trazermos informação sobre o tema para a sala de aula, estaremos diminuindo o grau de preconceito gerado pelo medo e desconhecimento acerca das religiões de matriz africana. Apesar de a simples informação não dar conta, por si só, da quebra dos preconceitos, ela é o início do processo de informação, sem o qual, os preconceitos tendem a continuar como preconceitos.

Por meio da informação acadêmica e científica, os alunos poderão entender melhor sobre o que se trata as religiões de matriz africanas. Poderão conhecer (ou reconhecer) a importância dessas religiões para a construção de uma consciência afro-centrada. Neste sentido, esse trabalho se justifica por promover pensamentos e ações afro-centrados, ou seja, uma forma de se repensar os valores e nossas raízes afrodescendentes numa abordagem positivada dos valores e da história afro-brasileira.

Ao trabalharmos essas questões em sala, combatemos o medo, a intolerância e a violência religiosa que os adeptos das crenças afro-brasileiras constantemente sofrem. Estabelecendo, no processo formativo institucional, uma relação de conhecimento e respeito à herança cultural e histórica africana, como elemento fundamental para o processo de formação do povo brasileiro, fazemos valer a lei 10.639/2003, que obriga o ensino de história e cultura afro-brasileira em sala de aula. Mais do que isso, avivamos uma consciência afro-centrada.

DISCUSSÃO E RESULTADOS: AS SIMBOLOGIAS E RESISTÊNCIAS CULTURAIS NO BRASIL AFRICANO E O PRECONCEITO AO LONGO DO PROCESSO HISTÓRICO

É necessário entender um pouco das simbologias e resistências culturais do Brasil Africano, para que se possa combater o preconceito que, ao longo do nosso processo histórico, foi arraigado na sociedade brasileira.

Inicialmente, é preciso observar a diversidade do continente africano e das sociedades diaspóricas, suas organizações sócio-político-militares, suas culturas e línguas, seus mitos e valores. A escolha pelo estudo dos Yorubás decorre-se de sua importância na diáspora. Outro motivo é a sua expressividade no interior das religiões de matriz africana (SCARAMAL, 2012).

Precisamos observar que a África é muito mais do que um continente, é o berço de amplos aspectos culturais. Porém, constantemente, o continente africano é representado de forma ruim e quase nunca se destacam suas riquezas. Infelizmente, a África é pensada no singular. Tal atitude desfavorece o reconhecimento da diversidade que lá existiu e existe. É preciso observar os estereótipos construídos sobre a África e analisar que ela é muito mais do que isso. Scaramal aponta o seguinte:

Muitos historiadores alertam para a necessidade de se desconstruir a ideia de homogeneidade do continente africano. Normalmente, quando se fala em África, se pensa em um grande bloco homogêneo de fome e miséria, alguma savana habitada por animais como girafas, leões e zebras, mas tendo como parte predominante de seu território um deserto desolador e um calor fatigante. (SCARAMAL, 2012, p. 33)

Observamos, a partir destes aspectos, que é necessário notar não apenas os estereótipos construídos sobre o continente africano, mas também suas riquezas. Como exemplo, tomemos por base que, geograficamente, a África não é apenas o calor de que tanto se fala, ela também possui regiões frias, aliás, possui um clima diversificado. E mais, é preciso não partir apenas do estereótipo de um continente visto pela pobreza, mas sim de suas riquezas, como por exemplo, os solos. E aqui vale destacar a importância destes aspectos e também do reconhecimento da pluralidade cultural africana, entendendo assim a contribuição destas na identidade afro-brasileira e a relação destas para a construção de uma identidade afro-centrada.

A partir disso, é preciso buscar observar a multiplicidade, o hibridismo e relacioná-los com a diáspora, o que significa perceber o seu papel na formação da identidade brasileira. É

preciso, antes de tudo, que os alunos percebam as diferenças que encontramos na sociedade do passado, para aprender a vê-la no presente também (OLIVA; FILICE, 2012).

Além disso, vale ressaltar que é preciso entender como deve ser abordado o preconceito e a intolerância em relação à cultura afro-brasileira, tendo a tolerância como maneira de combater os preconceitos, tanto físicos, que ferem a dignidade humana, quanto os aspectos culturais, pois é preciso lembrar que se têm culturas diferentes e isso exige respeito (SANZ, 2012).

Observando também que, ao abordar o processo histórico, não somente das religiões africanas no Brasil, mas também as outras formas de culturas que desembarcaram aqui, é possível, além de estabelecer um conhecimento sobre elas, criar um vínculo com a formação da nossa história e da nossa cultura.

Todos esses elementos podem ser discutidos a partir do documentário *Atlântico negro: na rota dos orixás*, que será apresentado adiante e cuja ficha técnica encontra-se nas referências deste texto. O filme informa sobre o contexto de escravização e de tráfico forçado dos africanos para a América. Evidencia toda a importância das culturas trazidas pelos escravizados para a formação da nossa cultura, pensando em toda a nossa miscigenação, seja pelos europeus e pelos indígenas, mas valorizando também as contribuições dos africanos. A partir daí, podemos estimular nos alunos o reconhecimento de que a religião não se separa de elementos como a forma de pensar, da língua, das danças, da culinária, entre outros. É preciso compreender o porquê da dificuldade de aceitação desses elementos para que possamos combater os preconceitos sofridos pela população negra. É preciso valorizar os métodos e formas que ela utilizou para conseguir manter suas crenças mesmo sobre repressão.

Levando também em consideração que, quando se ensina, não se está apenas promovendo debates e reflexões sobre determinados assuntos. Sendo isso, muito mais do que traçar um processo histórico, e além de tudo fazer com que os alunos tomem consciência daquilo que está sendo passado e formule, a partir das informações adquiridas, a construção de suas próprias ideias.

COMO ABORDAR ESSES ASSUNTOS NO COTIDIANO ESCOLAR

Para tratar desses assuntos no interior da escola, precisamos enfrentar uma série de questões: como abordar tais conteúdos? Que momentos do currículo instituído favorecem esse diálogo? Quais metodologias podem nos auxiliar? Quais documentos legais e normativos legitimam esse trabalho do professor?

Para o início do processo, é importante investigar a consciência histórica dos estudantes sobre a diversidade religiosa de matriz afro-brasileira. Para isso, lançamos mão dos exercícios de verificação do pensamento histórico, empregados pela Educação Histórica (BARCA; SCHIMIDT, 2009).

Numa primeira abordagem em sala de aula, pode-se utilizar um questionário com algumas questões sobre o tema: *O que você sabe sobre o Candomblé ou Umbanda?; O que estas religiões representam para você?.* A partir das respostas, poderemos compreender melhor a visão que os alunos possuem sobre as religiões de matriz africana e, a partir disso, trabalhar os conteúdos pontualmente, de forma a estimular a equidade religiosa. Assim, promovemos o respeito e o reconhecimento das diferenças, tanto para a religião em si, quanto para os seus membros.

Compreendendo o fato de que existem crianças adeptas do Candomblé ou da Umbanda, que são vítimas de preconceito nas escolas, o exercício e emprego dos conteúdos com base no conhecimento prévio dos alunos tornam-se essenciais para poder melhorar este quadro em sala de aula.

A partir dos quadros teóricos da Didática da História de Rüsen e das meta-reflexões alemãs aponta-se para as funções da História. E levando em consideração essas funções, apoiamos-nos em vários textos legais e normativos que tomamos para referendar esse trabalho: lei 10.639 (BRASIL, 2003); *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana* (Parecer CNE/PC nº 3; Resolução nº 1, BRASIL, 2004), lei 11.645 (BRASIL, 2008), o *Estatuto da Igualdade Racial* (lei 12.288/2010).

Essas obras são imprescindíveis, pois demonstram para a gestão da escola, para os colegas professores, para os alunos e suas famílias, que o trato dos conteúdos relativos às religiões de matriz afro-brasileira no interior da sala de aula é algo legal e que não infringe o direito de

ninguém. Pelo contrário, favorece-se o reconhecimento da diferença que pode estar do nosso lado, mas que não conseguimos ver, não sabemos como ver ou nos negamos a reconhecer.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS: O DOCUMENTÁRIO ATLÂNTICO NEGRO NA ESCOLA, E MANEIRAS DE COMBATER AS PRÁTICAS PRECONCEITUOSAS

No presente trabalho, apresentamos uma proposta de utilização do documentário *Atlântico Negro* (1997), dirigido por Renato Barbieri. Ele mostra o tráfico de escravos, a diáspora, o hibridismo e os orixás e a maneira como eles são vistos tanto na África como no Brasil.

Parte-se dos procedimentos metodológicos para o trabalho com a linguagem audiovisual, como por exemplo, estabelecer uma relação entre o filme e o tema abordado, com o contexto histórico, os estereótipos criados, as verdades e os fatos apresentados, a visão do produtor do filme, a influência da época em que ele foi produzido e assim por diante.

Outra questão, também importante, é buscar estabelecer uma relação do quanto o imaginário têm influência dentro da sociedade. Não se pode esquecer que o filme é uma ficção e não possui compromisso com a verdade. Porém é importante perceber os fatos históricos apresentados nele e até a que ponto eles devem ser levados em conta, notando a maneira como estes aparecem.

O poder transformador dos filmes, a maneira com que eles contribuem para reconstruir o processo histórico, a forma de interferência do imaginário, na reconstrução do real e os estereótipos assim apresentados ou construídos, tudo isso deve ser levado em conta (NÓVOA, 1995).

Considera-se também que o documentário *Atlântico negro* (1997) aborda um vasto conteúdo sobre as religiões de matriz Africana. É notável perceber que busca-se essa relação, de apresentar a formação cultural do Brasil e a importância da África nisso, e ele se constitui como um rico material didático, principalmente porque no filme é apresentado o fato de que, antes de vir para o Brasil, os africanos precisavam passar por um processo de esquecimento daquilo que os constituía, ou seja, da sua formação cultural, principalmente, a religiosa.

No entanto, esse esquecimento não aconteceu. A diáspora forçada permitiu que eles trouxessem para o Brasil seus aspectos culturais e aqui acontecesse à junção com outros aspectos que já estavam em formação na nossa cultura. Assim, podemos perceber a importância que eles tiveram e ainda tem.

O filme também informa sobre as origens das religiões afro-brasileiras, suas devoções e rituais. A grande pergunta a ser levantada nessa questão é se, por meio da utilização do documentário, seria possível combater as manifestações de cunho preconceituoso e racista acerca dessas religiosidades?

E esse é o trabalho proposto a se fazer. A partir do documentário, apresentar o processo histórico dos negros trazidos para a América, e os problemas que eles aqui enfrentaram. Nesse processo, sempre devemos evidenciar os diálogos e as trocas culturais: quais aspectos da cultura deles ficaram impressos na formação da nossa. É desta forma que pretendemos agir, mostrando o quando eles foram importantes, para conseguir fazer com que as crianças e adolescentes percebam, valorizem e respeitem.

REFERÊNCIAS

ATLÂNTICO NEGRO: a rota dos orixás. Brasília, 1997. Filme documentário, 35 mm, colorido. Duração: 53'41". Diretor: Renato Barbieri. Projeto e roteiro: Victor Leonardi e Renato Barbieri. Idealização e realização: Videografia; Instituto Itaú Cultural. Patrocínio: Ministério da Cultura; GDF-SCE; Polo de cinema e vídeo do DF; Fundação Cultural do Distrito Federal.

BARCA, Isabel; SCHIMIDT, M^a Auxiliadora [Org.]. *Aprender História: perspectivas da Educação Histórica*. Ijuí: Ed. UNIJUI, 2009.

LEMKE, Maria. *Trajetórias para a liberdade: escravos e libertos na Capitania de Goiás*. Goiânia: Ed. da UFG, 2009.

MOCELLIN, Renato. *História e cinema: educação para as mídias*. São Paulo: Ed. do Brasil, 2009.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas/SP: Papirus, 2005.

NOVÓIA, Jorge. Apologia da relação cinema-história. *O Olho da História*. UFBA, nº.1, 1995. Disponível em: <<http://www.olhodahistoria.ufba.br>>. Acesso em: 21 de agosto de 2014.

OLIVA, Anderson Ribeiro. FILICE, Renisia Cristina Garcia. Identidades em construção pluralidade cultural, o ensino de história africana e a educação étnico-racial: diálogos necessários. In: MORAES, C. P.; LISBOA, A. S.; OLIVEIRA, L. F. [Orgs.]. *Educação para as relações etnicorraciais*. Goiânia: FUNAPE; UFG/Ciar, 2012.

RÜSEN, Jorn. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. *Práxis Educativa*. Ponta Grossa/PR. V.1, N.2, p.07-16, jul./dez. 2006. O texto foi publicado originalmente em 1987, na revista *History and Theory* (Inglaterra). Tradução de Marcos Kusnick.

SANZ, Wagner de Campos. Discriminação, preconceitos e intolerância. In MORAES, C. P.; LISBOA, A. S.; OLIVEIRA, L. F. {Orgs.}. *Educação para as relações etnicorraciais*. Goiânia: FUNAPE; UFG/Ciar, 2012.

SCARAMAL, Eliesse dos Santos Teixeira. O ensino de história da África em debate. In MORAES, C. P.; LISBOA, A. S.; OLIVEIRA, L. F. [Orgs.]. *Educação para as relações etnicorraciais*. Goiânia: FUNAPE; UFG/Ciar, 2012.

SILVA, Conceição de Maria Ferreira. A voz do documentário e a expressão do subalterno nos Filmes: Ori, Santo Forte e Atlântico Negro: na rota dos Orixás. In: *Anais do ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*. Salvador, 2009.

STAM, Robert. *Introdução à Teoria do Cinema*. Campinas/SP: Papirus, 2003.